



www.doi.org/10.21680/2763-6488.2019v1n1ID24786

Respire... e inspire!

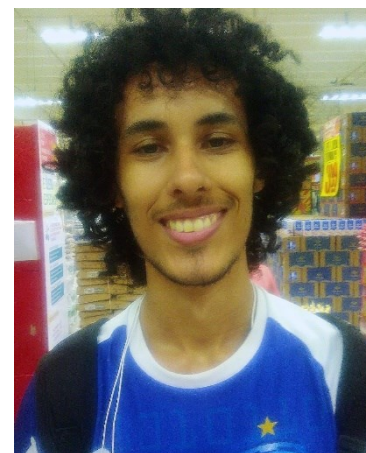
Mais um — e último — estágio, e eu ainda tô um pouco impressionado com a naturalidade com o ser professor. Me chamo Charles e sou licenciando em Biologia na UFRN, um dos muitos alunos que entraram no curso apavorados com a ideia de ter que lecionar para poder conseguir o diploma. Confesso que às vezes penso em Charles como professor e dou uma risadinha.

A instituição escolhida foi, assim como no estágio anterior, a Escola Estadual Imperial Marinheiro localizada no Bairro Nordeste, que recebe alunos principalmente do próprio bairro e de localidades do entorno, como a Comunidade do Mosquito e do bairro das Quintas. A escolha não poderia ser diferente, depois da ótima recepção que tive da coordenação, da professora supervisora, dos próprios alunos e principalmente do porteiro que estava sempre disposto a me ajudar.

Minha professora supervisora lecionava tanto ciências quanto biologia. Fui à escola fazer a primeira visita, ver se tinha a possibilidade de desenvolver mais um estágio lá, e conversei com ela, que me recebeu com muito afago e falou que sim, eu poderia realizar o estágio lá.

Então ela me recomendou o 1º ano — confesso que chorei um pouco por dentro ao pensar que teria que, por mais um semestre, acordar às cinco da manhã para lecionar — acatei a sugestão, mas ainda assim perguntei sobre as outras turmas: uma já estava com estagiário, o que me surpreendeu, pois não pensava que alguém escolhesse essa escola como local de estágio, pela localização, e até brincamos pois todos os estagiários que passaram por lá durante esses dois semestres cursavam biologia, até os outros professores zoavam falando que Beth era sortuda. E outra turma já possuía um projeto em andamento sobre... PLANTAS! Como botânico, dei outra choradinha interna. Ah, as possibilidades...

Comecei a acompanhar a turma do 1º A quando eles iriam começar a estudar a obtenção de energia pelos seres vivos — fermentação e respiração celular. Química? Sério? Mas vamos que vamos!



**Charles Santana
Torres**

24 anos; graduando em Ciências Biológicas, licenciatura — UFRN; Futuro botânico, artista. Aquarela, Biologia, Plantas, Pokémon, Paleontologia, 8bits, Preto

Orientador de Estágio: Prof. Dr. Thiago Emmanuel Araújo Severo (UFRN)

O período de observação não foi tão proveitoso, pois eu estava doente e em duas das três semanas preferi ficar fora da sala de aula, então não consegui observar muito bem a turma antes das aulas.

Bem, finalmente a regência. Eu estava tranquilo até ter que começar a me planejar. Caramba, química! Não sabia por onde começar, não tinha ideia da abordagem, da problematização etc, etc. Findou que no dia anterior decidi começar pela fermentação com o clássico experimento do fermento de padaria: oito e meia da noite estava correndo atrás de bexigas, fermento, termômetro e os outros materiais. Felizmente deu certo. Estava um pouco apreensivo de não conseguir a atenção da turma como aconteceu na minha experiência no Ensino Fundamental, mas, para minha surpresa, ocorreu exatamente o oposto. Dividi os alunos em grupos e consegui atizar a curiosidade deles em querer saber o que estava acontecendo dentro daquele potinho borbulhante. Saí da aula bastante satisfeito com o resultado do meu debut.

Mas então começou a quebra de rotina e esse foi uma das coisas que mais me frustrou. Eu não conseguia manter uma linearidade: Tínhamos uma aula e na outra era revisão para avaliação, ou a avaliação, ou feriado, ou reunião de professores. Juntando isso com o fato de termos apenas duas aulas por semana... mas só restava aceitar.

Uma ideia bacana que adotei dos meus professores de bioquímica, que adoravam fazer, foi o Team Based Learning (TBL). Decidi fazer um teste na aula seguinte, e levei um prêmio simbólico (paçoquinhas de amendoim) para o grupo ganhador, também receoso de que eles fizessem pouco caso, como aconteceu na turma do fundamental — acho que fiquei traumatizado — mas, de novo, me surpreendi. Foi uma gritaria tremenda, pois todo mundo queria uma paçoquinha. Apesar das disparidades, teve algo semelhante que presenciei nas duas experiências: a militância presente em sala de aula. Certo dia a professora me pediu para passar uma revisão, então não precisei preparar nada para a aula. Ela me passou as questões que serviria como base para a avaliação e eu as apresentei no quadro e fiquei no ócio observando a turma. Logo uma garota se destacava. Eufórica, me olhava de soslaio de vez em quando e esbravejava sobre um caso de injustiça onde uma garota foi morta por um policial no Rio de Janeiro, logo engatava com militância referente a questões feministas e LGBT — sempre me olhando de canto de olho — e eu lá “Caramba!”, meio assustado, meio admirado. Só depois percebi que ela estava me testando, querendo saber minha posição sobre questões sociais. Então, quando passei no teste, fui convidado por ela para se enturmar com seu grupo, que inclusive me lembrou muito do meu Ensino Médio. Conversamos bastante esse dia.

“O que não vale é se deixar levar pela frustração”



Terminada as aulas de fermentação, prestes a iniciar respiração celular, levei um baque: a professora queria mudar o cronograma. Ok, tudo bem. Pelo menos foi o que eu estava tentando me dizer. Não estava tudo bem. Eu estava muito desgastado mentalmente, mas respirei e consegui não desmoronar. Então tive que me reorganizar do princípio e migrar de fermentação para reprodução dos seres vivos. O legal foi que a maior motivação para que eu conseguisse dar continuidade veio da turma, eles mostravam interesse, tinham dúvidas, interagiam comigo — e mais ainda entre si. Apesar dos imprevistos foi melhor do que esperei, e isso graças aos meus alunos. Os dois semestres de estágio com regência me mostraram sem nenhum pudor que o rumo das aulas pode tomar um curso completamente diferente do que foi planejado. O que não é surpresa, afinal, se está lidando com mentes humanas — que estão em constante mudança. O que não vale é se deixar levar pela frustração.